

Universidade Federal de Ouro Preto  
Instituto de Ciências Humanas e Sociais  
Departamento de História

**INSTRUIR A MEDICINA:**  
Antônio Nunes Ribeiro Sanches e a pedagogia  
médica setecentista (1763)

Luis Filipe Maiolini

Luis Filipe Maiolini

**INSTRUIR A MEDICINA:**  
Antônio Nunes Ribeiro Sanches e a pedagogia  
médica setecentista (1763)

Monografia apresentada ao Departamento de História, do Instituto de Ciências Humanas e Sociais, da Universidade Federal de Ouro Preto, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em História.

Orientador: Prof. Dr. Álvaro de Araújo Antunes

Mariana  
2019

M227i

Maiolini, Luis Filipe.

Instruir a Medicina [manuscrito]: Antônio Nunes Ribeiro Sanches e a pedagogia médica setecentista (1763) / Luis Filipe Maiolini. - 2019.

36f.:

Orientador: Prof. Dr. Álvaro de Araújo Antunes.

Monografia (Graduação). Universidade Federal de Ouro Preto. Instituto de Ciências Humanas e Sociais. Departamento de História.

1. Medicina - História - Teses. 2. Iluminismo - Teses. 3. Pombal, Sebastião José de Carvalho e Mello, Marquês de, 1699-1782 - Teses. I. Antunes, Álvaro de Araújo. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU: 61(091)

.Catalogação: [ficha.sisbin@ufop.edu.br](mailto:ficha.sisbin@ufop.edu.br)

**FOLHA DE APROVAÇÃO**

**Luis Filipe Maiolini**

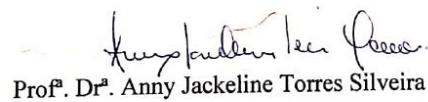
**INSTRUIR A MEDICINA:  
ANTÔNIO NUNES RIBEIRO SANCHES E A PEDAGOGIA MÉDICA  
SETECENTISTA (1763)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de História Bacharelado da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel. Aprovado pela Comissão Examinadora abaixo assinada.



Prof. Dr. Álvaro de Araújo Antunes

Departamento de História/UFOP - Orientador



Prof. Dr. Anny Jackeline Torres Silveira

Departamento de História – Membro Avaliador



Prof. Dr. Marco Antonio Silveira

Departamento de História – Membro Avaliador

## RESUMO

A presente monografia visa a analisar os problemas da Virtude e da Ciência na obra de Antônio Nunes Ribeiro Sanches *Método para Aprender e Estudar a Medicina*, publicada em 1763, a pedido do Marquês de Pombal. Para tanto, tomamos como base uma análise conceitual do discurso médico setecentista, assim como também investigamos algumas correntes epistemológicas da Medicina. O trabalho analisa, concomitantemente, as relações entre a época das Luzes e o estabelecimento de uma Medicina ilustrada, sobretudo o processo de adesão do ideal de médico “perfeito” ao de “empírico”. Examinam-se, por fim, os esforços de Ribeiro Sanches em consolidar diálogos entre Ciência e Política, bem como entre a prática médica e as doutrinas dela.

**Palavras-chave:** História da Medicina; Iluminismo; Reformas Pombalinas.

## **ABSTRACT**

The present monography aims at the problems of understanding and science in the work of Antônio Nunes Ribeiro Sanches, published in 1763, at the request of the Marquis of Pombal. For this, as a conceptual analysis of medical discourse, as well as the epistemological researches of medicine. The paper analyzes the relationship between the development of a medicine and the concept of "perfect" and "empirical" medicine. Finally, examine the efforts of Ribeiro Sanches in consolidating dialogues between a science and a policy, as well as a clinic with its doctrines.

**Keywords:** History of Medicine; Enlightenment; Pombaline Reforms.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	6
1 MÉDICOS FILÓSOFOS, FILÓSOFOS MÉDICOS: A CONSTRUÇÃO DE UMA MEDICINA ILUSTRADA.....	9
2 UM BISTURI RELUZENTE: VIRTUDE E CIÊNCIA EM RIBEIRO SANCHES.....	20
2.1 O médico virtuoso.....	22
2.2 O médico empírico.....	26
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	32
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	34

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem o objetivo de investigar a articulação do discurso médico setecentista na sua implicação educacional, através da análise da obra de António Nunes Ribeiro Sanches *Método para Aprender e Estudar a Medicina*, publicada em 1763, a pedido do Marquês de Pombal. Compreendendo a ordem interna e geral desse discurso, visamos a captar a construção das qualidades do médico dito “perfeito”, “virtuoso” e “sensível”, assim como as tendências teóricas que este deve aderir para melhor exercer a arte da Medicina. Nesse sentido, abordaremos a ideia de instrução do saber médico como realização plena do homem civil, bem como a sua contribuição para a conservação da nação portuguesa.<sup>1</sup> Propomos nesta monografia verificar, a partir do *Método*, as propostas de reforma das doutrinas pedagógicas da Medicina e o modo como elas influenciaram a imagem pública e moral que deveria o estudante assumir para si ao exercer sua atividade profissional. Não poderíamos deixar também de discorrer acerca das características singulares do Movimento das Luzes em Portugal, sobretudo no âmbito intelectual, que esteve correlacionado com diferentes esferas da vida social.

Uma das razões dos estudos a respeito de Ribeiro Sanches concerne às relações que se estabeleceram, no final do século XVIII, entre Ciência e Política. Instruir a Medicina era um meio de mudar hábitos, costumes e comportamentos, um mecanismo que procurava fundar uma nova noção de Estado Moderno. Em poucas palavras, instruir era civilizar; lapidar o homem-cidadão, inserindo-o em um conjunto de enunciados. A pedagogia médica reveste tais “dispositivos políticos” e sustenta as intervenções do poder centralizador almejado pelo reinado de D. José I. Na economia das Ciências Úteis, a Medicina tinha seu lugar privilegiado na sociedade portuguesa, sobretudo pela sua possibilidade de orientação prática da vida social e sua força empírica, filosófica e teórica nos círculos intelectuais da época. Ribeiro Sanches, atento à importância dos cursos médicos para a sociedade lusitana, traçou um novo quadro de ensino, fundado no

---

<sup>1</sup> Segundo Silva, “as reformas pombalinas orientadas por este sentido de *formação ideal do homem público luso-brasileiro* – supostamente qualificado para a execução dos projetos ‘modernizantes’ –, relacionando-as aos diagnósticos e propostas formulados pelos primeiros ilustrados portugueses, acerca da peculiaridade do ‘Velho Reino’, no contexto de fermentação intelectual e transformações concretas assistidas pela Europa setecentista”. SILVA, Ana Rosa Clochet da. A Formação do Homem-Público no Portugal Setecentista: 1750-1777. *Revista Intellectus*, ano 02, v. 2, 2003, p. 3.



amálgama entre teoria e prática, algo característico das suas ideias utilitaristas de matriz inglesa.

Nessa lógica, o presente trabalho lança a hipótese de que o refinamento de uma determinada percepção de Ciência em Ribeiro Sanches faz de suas propostas pedagógicas o espelho de um Iluminismo multifacetado. A Cultura das Luzes esteve ancorada em novas sensibilidades e aplicações políticas que transformaram a “instituição universitária, um fundamento da crítica à história e à tradição e uma orientação do agir”, e remodelaram seu currículo e sua transmissão dos saberes.<sup>2</sup> Ao executar as reformas educacionais no curso de Medicina, a Coroa visava não só a constituir súditos e/ou intelectuais, mas a formar tecnologias para o cuidado da saúde dos povos, tendo em vista os exemplos de outras nações da Europa. Assim, almejando promover o bom uso da Razão, a intenção da educação era “propagar seus valores, [...] promover o que ela estima ser útil: a instrução ensina ‘verdades de fato e de cálculo’, abre acesso às informações objetivas”.<sup>3</sup>

Na ordem do discurso, as propostas de Ribeiro Sanches, no seio do reformismo ilustrado português, não desprezaram preceitos como de razão, natureza e verdade, uma vez que, ao retomarem tais categorias, estas insistiam nas possibilidades da modernização da Medicina. Nesse sentido, definiram-se precisamente as necessárias modificações metodológicas e educacionais do saber médico.<sup>4</sup> Na época, os preceitos iluministas se caracterizavam pelo esforço em criar instrumentos de objetivação – usos técnicos e práticos – do saber. Tais preceitos representaram, acima de tudo, um deslocamento do método em três níveis: o saber-olhar, a experimentação e as aplicações matemáticas. Valendo-se dessas características, ao escrever *Método para aprender e estudar a Medicina*, Ribeiro Sanches defende o ensino da Medicina como ciência emancipada dos dogmas metafísicos e teológicos, fundada em investigações rigorosas dos pacientes e na pragmática observação dos fatos e de ser útil ao Estado Português. Por conseguinte, nessa obra, podemos investigar algumas das influências que se constituíram no projeto político-educacional no reinado de D. José I.

---

<sup>2</sup> PEREIRA, Miguel Baptista. Iluminismo e Secularização. *Revista de História das Ideias*, v. 4 – Tomo II, 1982, p. 447.

<sup>3</sup> TODOROV, Tzvetan. *O espírito das Luzes*. São Paulo: Editora Barcarolla, 2008, p. 85.

<sup>4</sup> Para Ana Cristina Araújo, “A crise de interpretações instala-se no espaço metodológico da crítica, com evidentes consequências nos campos antropológicos, moral e religioso. As modificações introduzidas na auto-representação dos homens de letras contribuem para a progressiva autonomia do estatuto do professor e consequente reconhecimento do papel da educação na sociedade.” ARAÚJO, Ana Cristina. Cultivar a Razão, Educar e Civilizar os Povos: a Filosofia das Luzes no Mundo Português. *Revista de História Regional*, v. 19(2), 2014, p. 263.

Da mesma forma, veremos no presente estudo que a formação ideal do médico setecentista, apresentada por Sanches, revela o *locus* da Cultura das Luzes: a capacidade de refinar as virtudes individuais necessárias para a prática científica. Estava consolidada, no seu discurso, a conjugação da Ciência com a moral para fins políticos – conhecimentos técnico e erudito sendo destinados para a conservação da saúde dos súditos e a preservação de um *status quo* do médico-intelectual. Em suma, trata-se de uma sabedoria científica moralizada, que, na sua maneira de estabelecer alianças políticas, ganhou espaço, seja na corte, seja nas salas das universidades,<sup>5</sup> uma concepção secularizada de moral, refletida no âmago da autonomia do indivíduo, que, por meio da Ciência, poderia alcançar a aspiração da felicidade. Para Araújo, “subordinada aos imperativos da razão, a Ética devia assim corresponder aos anseios de perfectibilidade espiritual e moral do homem, dar sentido à liberdade dos atos humanos e salvaguardar o direito dos indivíduos à felicidade”.<sup>6</sup>

Assim sendo, para melhor orientar o leitor, nesta monografia, contamos com dois tópicos que norteiam algumas questões centrais. No primeiro, analisamos o tema do Iluminismo, suas problemáticas, condições, características e contradições; simultaneamente, investigamos um conjunto de ideias associadas a filósofos e médicos no século XVIII. No segundo tópico, avaliamos o discurso do médico Beirão em *Método para Aprender e Estudar a Medicina*, destacando a interferência de múltiplas ideias científicas que ajudaram na elaboração do texto em 1763. Não promovemos uma descrição minuciosa da trajetória de António Nunes Ribeiro Sanches, pois tal empreitada já foi feita.<sup>7</sup> Também não almejamos dar conta de todas as suas obras e seus escritos: nesta monografia, escolhemos um recorte específico, que destaca aspectos intelectuais e políticos de uma obra de Ribeiro Sanches, autor relevante da História da cultura da Medicina.

---

<sup>5</sup> Para uma noção de “Ciência moralizada” e seus usos práticos no século XVIII, ver: SCHAMA, Simon. *Cidadãos: Uma Crônica da Revolução Francesa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. Em especial o capítulo 4, “A formação cultural de um cidadão”.

<sup>6</sup> ARAÚJO, Ana Cristina. Cultivar a Razão, Educar e Civilizar os Povos: a Filosofia das Luzes no Mundo Português. *Revista de História Regional*, v. 19(2), 2014, p. 266.

<sup>7</sup> A melhor e mais completa biografia de António Nunes Ribeiro Sanches foi escrita pelo médico e memorialista Maximiano Lemos. Ver: LEMOS, Maximiano. *Ribeiro Sanches: A sua Vida e a sua Obra*. Porto, Eduardo Tavares Martins, 1911.

## 1 MÉDICOS FILÓSOFOS, FILÓSOFOS MÉDICOS: A CONSTRUÇÃO DE UMA MEDICINA ILUSTRADA

Em dezembro de 1783, sob a pena do teólogo e protestante Johann Friedrich Zollner, uma problemática questão era elaborada como nota de rodapé: “O que é *Aufklärung*?”.<sup>8</sup> Tal pergunta, erguida no clima intelectual do século XVIII, procurava responder pelo “agora”, reconsiderando uma necessidade de compreender a própria “atualidade” do pensamento filosófico, político e moral da época – um debate que, de maneira singular, “explorou a relação entre discussão pública, fé religiosa e autoridade política”.<sup>9</sup> Mais do que isso, o Iluminismo foi um movimento histórico concreto que, de maneira diversa, foi consolidando suas características, condições e contradições. Ocupemo-nos, por um momento, com alguns esforços de entendimento sobre o conceito, que, no seio do século XVIII, foi se refinando.

Moses Mendelssohn (1729-1786), um dos primeiros a responder a Zollner, argumentava que “as palavras *esclarecimento, cultura e educação*” eram novas no seu vocabulário, mas, apesar disso, representavam as novas condições socioculturais da Europa naquele momento. “Educação, cultura e ilustração são a modificação da vida social”, disse ele em 16 de maio de 1784.<sup>10</sup> Em seu ensaio, a característica de síntese harmoniosa do esclarecimento se encontrava na cultura e na sua forma de aplicação utilitária para a melhoria do estado social da nação, ou seja, em reformas pedagógicas e usos da Ciência. Além disso, o pensador também considerava a felicidade de uma nação ilustrada como sendo a capacidade de esta estar menos sujeita à corrupção, a virtudes irracionais e à superstição, filtros que só seriam obtidos pela via educacional – eis o sentido do conceito de “Esclarecimento” para Mendelssohn. Desse modo, ele enfatiza a definição de *Aufklärung* que já vinha em processo de gestação: “O esclarecimento está relacionado à cultura, assim como a teoria está para a prática, o conhecimento para a ética e a crítica para a virtude”.<sup>11</sup> Tal caracterização manifesta, por um lado, a junção de

---

<sup>8</sup> Zollner, de maneira ingênua, escreveu a provocativa pergunta no pé de página de um artigo que escrevia sobre o casamento civil em 1783; as respostas vieram à tona no mesmo ano.

<sup>9</sup> SCHMIDT, James (Ed.). *What is Enlightenment?* Eighteenth-Century Answers and Twentieth-Century Questions. Califórnia: Ed. University of California Press, 1996, p. 2. [Tradução nossa]

<sup>10</sup> Para o filósofo iluminista, “a linguagem do povo é o melhor indicador de sua educação, cultura e entendimento, tanto na amplitude quanto na intensidade”. Como veremos adiante, Ribeiro Sanches também compartilhou de tais ideias. MENDELSSOHN, Moses. On the Question: What Is Enlightenment? In: SCHMIDT, James (Ed.). *What is Enlightenment?* Eighteenth-Century Answers and Twentieth-Century Questions. Califórnia: Ed. University of California Press, 1996, p. 53-54 [Grifo do autor].

<sup>11</sup> *Idem*, p. 54.

elementos capazes de dar ao homem subsídios de aperfeiçoamento e, por outro, a necessidade que tem uma monarquia em investir em tal processo de mudança.

Na mesma lógica, aceitando o desafio da pergunta, em abril de 1789, Christoph Martin Wieland (1733-1813) também se preocupou em lançar alguns apontamentos que direcionassem o enigma do seu tempo. Wieland comenta que, certo dia, ao folhear “bons livros” que se tornaram maculados, encontrou em um deles, na “página 214” especificamente, uma folha solta. Com certo espanto, pegou-a com seus “três dedos da mão direita” e leu o que estava escrito.<sup>12</sup>

1. O que é Esclarecimento?
2. Sobre quais objetos este deve se estender?
3. Onde estão os seus limites?
4. Onde estão os meios seguros pelos quais se pode avançar?
5. Quem está autorizado a esclarecer a humanidade?
6. Por quais consequências este alguém reconhece sua verdade?<sup>13</sup>

Ao se deparar com essas seis questões, Wieland chama atenção para a dificuldade que se tem, em sua época, em responder a elas, fato que comprova um “eterno caos de ignorância, erro e escuridão”. Para contribuir com a problemática, a fórmula de Wieland segue alguns caminhos. Primeiro, para responder “O que é *Aufklärung*?”, ele recorre a conhecidas metáforas: luz e escuridão. Sua proposta é a de que todos aqueles que têm um par de olhos e aprenderam a reconhecer a diferença entre brilho e obscuridade sabem que no “escuro ou não [se] vê nada ou pelo menos não tão claramente”; do mesmo modo que, quando “assim que a luz é trazida, as coisas são esclarecidas, tornam-se visíveis”.<sup>14</sup> Tais metáforas, em nível intelectual do século XVIII, permitiram inúmeros deslocamentos sobre as ideias de Verdade, Razão, Conhecimento e Ciência, assim como também possibilitaram uma abertura de horizonte sobre as particularidades do entendimento humano, de sua instrução e, logo, da sua transformação civilizadora e ética. Nesse sentido, argumenta Wieland: “a luz da mente da qual falamos é o conhecimento do verdadeiro e do falso, do bem e do mal”, e, portanto, *Aufklärung* deve “estender-se sem exceção a todos os objetos, isto é, sobre

---

<sup>12</sup> WIELAND, Christoph Martin. *A Couple of Gold Nuggets, from the... Wastepaper, or Six Answers to Six Questions*. In: SCHMIDT, James (Ed.). *What is Enlightenment? Eighteenth-Century Answers and Twentieth-Century Questions*. Califórnia: University of California Press, 1996, p. 79 [Tradução nossa].

<sup>13</sup> *Idem*, p. 79.

<sup>14</sup> *Ibidem*, p. 79.

tudo que é visível para o olhar exterior e interior”.<sup>15</sup> Na sua concepção de Esclarecimento, o que se torna primordial ao homem “esclarecido” é o *modo* de estar no mundo e a *maneira* de relacionar-se com os objetos – ou seja, a matematização da natureza, uma consciência racional autônoma e uma orientação ética arraigada em comportamentos virtuosos, que darão requisitos para fortalecer a sociedade civil. Para Miguel Baptista Pereira, Wieland “enriqueceu a capacidade ilimitada da razão com a dimensão da liberdade não só de pensar, mas de intervir publicamente através do pensamento”, isto é, sua estratégia de integração do universo intelectual ao universo político fez do uso do conhecimento uma ferramenta aplicável às práticas cotidianas.

Como estamos observando, a partir dos autores supracitados, o conceito de *Aufklärung* apresentou uma pluralidade de concepções, que ora se aproximavam, ora se antagonizavam. A Cultura das Luzes no século XVIII, mesmo assumindo um mosaico complexo, programou condições singulares para a ordem social e estabeleceu novas exigências econômicas, educacionais e políticas. As definições integradas ao conceito estiveram balizadas conforme o jogo do poder exercido pelas monarquias absolutistas. O Iluminismo, em partes, balança a lógica interna do Estado Moderno, mas, por vezes, se adapta às suas regularidades.<sup>16</sup> E é nesse ambiente questionador que devemos compreender a força da pena de Immanuel Kant ao escrever sua famosa sentença “Esclarecimento é a saída do ser humano de sua menoridade, menoridade essa na qual ele se inseriu por sua própria culpa” em dezembro de 1783 e publicada em 1784.<sup>17</sup>

A interpretação kantiana do Iluminismo circunscreve três principais conceitos: emancipação, menoridade e tutela. Como sustenta sua sentença, a saída do homem da menoridade para o *pensar por si*, constitui a base de interpretação do movimento intelectual de sua época. Todo e qualquer sistema de tutela estaria na contramão do esclarecimento, assim como seu fruto – a maioridade – corresponde a um estado positivo e desejável do espírito humano. A restituição árdua da maioridade exige do homem um dispêndio de força e coragem, pois “é tão cômodo ser menor” que, por vezes, toma-se tal situação por natural. Nesse sentido, para Kant, esclarecimento

---

<sup>15</sup> *Ibidem*, p. 80.

<sup>16</sup> Para Reinhart Koselleck, “O movimento iluminista desenvolveu-se a partir do Absolutismo, no início como sua consequência interna, em seguida como sua contraparte dialética”. KOSELLECK, Reinhart. *Crítica e Crise: Uma contribuição à patogênese do mundo burguês*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2009, p. 19. Conferir também: HAZARD, Paul. *A Crise da Consciência Europeia*. Lisboa: Cosmos, 1948. CASSIRER, Ernst. *A Filosofia do Iluminismo*. Campinas: Unicamp, 1992.

<sup>17</sup> Kant retoma o conceito de menoridade do teólogo J. Joaquim Spalding, mas de forma secularizada. KANT, Immanuel. *Resposta à Pergunta: O que é Esclarecimento?* Rio de Janeiro: Viaverita, 2011.

corresponde à saída do homem a qualquer forma de tutela, processo que exige passos para, por meio da razão, emancipar-se. Assim, a vocação para o esclarecimento estaria, segundo ele, em consonância com “a liberdade de fazer *uso público* de sua razão por toda a parte”, isto é, “aquele uso que alguém, *enquanto erudito*, faz diante de todo público do *mundo letrado*.”<sup>18</sup> A análise de Kant sobre a pergunta colocada por Zollner apresenta uma abordagem singular. Seguindo Miguel Baptista Pereira, compreendemos que

a autonomia da razão, inseparável da consciência da diferença que distingue os seus domínios, purificou-se, pela pena de Kant, da confusão ingênua nas esferas teóricas e práticas. Razão e limite, autonomia e crise são as duas faces do homem analisado por Kant.<sup>19</sup>

Por esse ângulo, apesar de o conceito de *Aufklärung* ter uma típica multiplicidade de concepções e acepções, parece-nos que um fio condutor percorre nas ideias dos intelectuais que se debruçaram sobre seu significado. Segundo Cassirer, “objetivamente considerados, os caminhos divergem, mas essa divergência nada tem de dispersão. Todas as energias do espírito permanecem ligadas a um centro motor comum”<sup>20</sup>. Trata-se de uma nova forma de representar o mundo e o homem, a qual possibilitou a emergência de saberes e práticas sobre o “modo de desenvolver o pensamento, de alimentar e conservar a capacidade de trabalho, de robustecer a força corporal, de conservar a saúde”.<sup>21</sup>

Neste quadro de concepções que até agora investigamos, notamos que a luta contra a ignorância, almejando a educação e a emancipação do homem, foi tópica recorrente na tentativa de conceituar o problema do *Aufklärung*. Com esse esforço em elevar a perfeição moral do homem por meio da instrução, seja científica, seja filosófica, o vocabulário dos chamados *Savant*, ou homens de Letras, estava a reinterpretar antigas tradições. Atentemo-nos, por um momento, sobre as configurações na ordem do saber na Época das Luzes.

<sup>18</sup> *Idem*, p. 26-27. (Grifo do autor)

<sup>19</sup> A singularidade da resposta de Kant também se apresenta, segundo Pereira, na sua capacidade de harmonizar a liberdade de razão e a obrigação de obedecer. “Pela liberdade de pensamento, o súbdito não é dispensado do dever de obedecer. [...] Estas ideias são sintetizadas por Kant na fórmula seguinte: ‘Usai da razão quanto quiserdes e sobre o que quiserdes mas obedeci’”. PEREIRA, Miguel Baptista. *Illuminismo e Secularização*. Revista de História das Ideias, Vol. 4 – Tomo II (1982), p. 474-476.

<sup>20</sup> CASSIRER, Ernst. *A Filosofia do Iluminismo*. Campinas: Unicamp, 1992, p. 22.

<sup>21</sup> *Idem*, p. 471.

Segundo Pierre Chaunu, o *corpus* de escritos que fazem o conjunto do sistema de pensamento do século XVII se constitui, para os intelectuais das Luzes, como objeto de plasticidade. Dito em outras palavras, a matemática de Newton, o sistema cartesiano, a Escolástica, a Filosofia Natural, a Medicina, a Química e outras esferas de saber são reavaliadas sob o crivo do pensamento do século XVIII – é o que Chaunu denomina de “processo de dismantelamento e extenuação do pensamento”<sup>22</sup>. Nas palavras de Ernst Cassirer,

o século XVIII renunciou a esse modo e a essa forma de “dedução”, de derivação e de explicação sistemática. Não rivaliza, em absoluto, com Descartes e Malebranche, com Leibniz e Spinoza, no tocante ao rigor e à autonomia do método. Busca uma outra concepção da verdade e da “filosofia” que confere a uma e a outra mais amplitude, uma forma dotada de mais liberdade e mobilidade, mais concreta e mais viva.<sup>23</sup>

A abordagem racionalista, característica do século XVII, perde força frente à via empirista lockeana, assim como também para a física newtoniana. Ambas as abordagens deram condições de investigação para os intelectuais de diversas áreas do saber, fato que marcou o novo programa metódico do pensamento do século XVIII. O paradigma da física newtoniana atingiu os intelectuais das Luzes diretamente, sobretudo remanejando seus modelos de investigação sobre materiais empíricos. Nesse sentido, as Ciências da Natureza e a Filosofia faziam parte da mesma engrenagem epistemológica. Na avaliação de Ana Cristina Araújo, “o filósofo tinha o sentimento de participar das conquistas exaltantes da ciência, mas recusava fechar-se num sistema único de saber”; dessa forma, Medicina e Filosofia, naquele momento, não se constituíram enquanto sistema fechado ou campo disciplinar.<sup>24</sup>

O Iluminismo setecentista, na sua esfera epistemológica, tomou atitudes analíticas e explicativas frente à racionalidade científica, conciliando novas abordagens de sujeito, objeto, verdade e realidade; outrossim, segundo Cassirer, pouco a pouco, o denominado “Espírito de Sistema” do século XVII foi substituído pelo “Espírito

---

<sup>22</sup> CHAUNU, Pierre. *A Civilização da Europa das Luzes (Vol. I)*. Lisboa: Estampa, 1985.

<sup>23</sup> CASSIRER, Ernst. *A Filosofia do Iluminismo*. Campinas: Unicamp, 1992, p. 24.

<sup>24</sup> ARAÚJO, Ana Cristina. *Cultivar a razão, educar e civilizar os povos: a filosofia das Luzes no mundo Português*. Revista de História Regional. v. 19(2): 2014, p. 270. Sobre a questão do processo de disciplinarização da medicina ver: FOUCAULT, Michel. *O Nascimento da Clínica*. Rio de Janeiro: Forense, 2015.

Sistemático”.<sup>25</sup> Tomemos como exemplo o peso da publicação dos 28 volumes da *Encyclopédie*, apresentada por Diderot e D’Alembert com 71.818 verbetes. Podemos contemplar na sua compilação uma sistemática massa de informações junto a um manifesto filosófico. A junção dessas duas características consolidou o enciclopedismo, em que a base epistemológica atacava uma velha cosmogonia. Segundo Robert Darnton, “arrasava de um lado o tomismo ortodoxo e de outro o cartesianismo neo-ortodoxo, deixando ileso apenas Locke e Newton”.<sup>26</sup> De fato, “depois de 1720, Cartesianismo e *Malebranchismo* perdem o seu dinamismo”.<sup>27</sup> Mas por que ficaram ileso Newton e Locke?

Para responder a tal questão devemos compreender o processo de adesão de alguns países da Europa (França, Itália, Espanha, Portugal e Holanda) às ideias inglesas na virada do século XVII. Nesse sentido, o triunfo de Newton e Locke na cultura intelectual do século XVIII deve ser analisado atentamente – como veremos em seguida, ao escrever *Método para Aprender e Estudar a Medicina*, Ribeiro Sanches não só usa tais métodos, como também cita os autores ingleses, em especial o de Locke.<sup>28</sup> Poucos estudos contemplaram o fenômeno de adesão ao newtonianismo e ao empirismo lockeano pela Europa. A chamada *anglomanie*, que ganhou força entre 1730 e 1740, permanece ainda um tema em aberto para muitos historiadores, sobretudo no que diz respeito à sua dimensão quantitativa. Entre os esforços notáveis sobre a questão, temos os de Peter Gay e de Jonathan Israel, que mapearam, em nível qualitativo, a aparição dos dois autores em tratados de Medicina, Filosofia, Teologia e Política na Europa setecentista.<sup>29</sup> Para Israel, devemos ser cuidadosos com as circunstâncias da chamada “mania inglesa”, pois ela “não era uma pré-condição para um avanço geral em direção a

---

<sup>25</sup> CASSIRER, Ernst. *Op. Cit.*, 1992, p. 26.

<sup>26</sup> DARNTON, Robert. *O Iluminismo como Negócio: História da Publicação da Enciclopédia 1775-1800*. São Paulo: Cia das Letras, 1996, p. 18.

<sup>27</sup> ISRAEL, Jonathan I. *Radical Enlightenment: Philosophy and the Making of Modernity (1650-1750)*. New York: Oxford Press, 2001, p. 520. [Tradução nossa]

<sup>28</sup> O sensualismo de Locke e Condillac influenciou diretamente nas reformas educacionais baseadas na experiência e observação. Conferir: CARVALHO, Flavio Rey. *Um iluminismo Português? A Reforma da Universidade de Coimbra (1772)*. Dissertação de Mestrado – Área Cultural do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília. Brasília, 2007.

<sup>29</sup> Tal ideia, além de reforçar o caráter cosmopolita do iluminismo, também retira a centralidade da França como sendo a única “República das Letras”. Cf.: GAY, Peter. *The Enlightenment: an Interpretation*. v. 1 Nova York: W.W. Norton, 1966.



formas de pensar mais modernas e mais científicas, como é frequentemente reivindicada, mas sim um resultado transitório de equilibrar as forças filosóficas.”<sup>30</sup>

Nos trabalhos de Newton, encontramos um distanciamento em relação às concepções do cauteloso físico Robert Boyle (1627-1691), o qual acreditava em um radical empirismo científico, em que toda conclusão na Ciência Experimental estava sujeita a provas bem elaboradas. Newton, por outro lado, usou as aplicações teóricas para as probabilidades dos experimentos, dito de outra forma, o resultado de equilíbrio das forças filosóficas, elencadas por Israel, encontra-se no processo de adesão da racionalidade matemática na natureza.<sup>31</sup> A filosofia de Newton sofisticou as ideias de observação, experimentação e demonstração e elevou, acima de tudo, o conhecimento da ordem das coisas – trata-se de, por meio do saber matemático, consolidar uma Ciência Universal e da Ordem, que estava para além de uma pura tentativa “de tornar a natureza mecânica e calculável”.<sup>32</sup> Tal esforço metodológico influenciou outros domínios do saber, como também deu instrumentos de análise e sofisticação empírica sobretudo para a Medicina e a Fisiologia.

Nesse sentido, para Jonathan Israel, “assim como Newton foi o fundador da Física Moderna, como detém d’Alembert em seus *Discours préliminaire*, do mesmo modo foi Locke o criador da moderna Filosofia Científica”.<sup>33</sup> De fato, as influências de Locke no pensamento ilustrado europeu atingiram vários âmbitos do conhecimento científico e persistiram, simultaneamente, nos saberes médico, educacional, filosófico e político. Voltaire, por exemplo, diz em 1766 que, ao ler Locke, “vislumbrei indícios de luz [...] e depois disso não li mais nada que me desse um novo grau de conhecimento”.<sup>34</sup> Entre as inúmeras contribuições do pensamento lockeano, o que chama atenção de Voltaire é a sua capacidade de “*ruiné les idées innées*”, ou seja, a razão, as ideias e os princípios não são inerentes ao homem. Dessa forma, conhecimento se adquire pelo

<sup>30</sup> ISRAEL, Jonathan I. *Radical Enlightenment: Philosophy and the Making of Modernity (1650-1750)*. New York: Oxford Press, 2001 p. 518.

<sup>31</sup> É interessante notar que a agenda newtoniana está mais para uma relação entre Teologia e Filosofia do que para um estrito racionalismo matemático. Ao descrever as causas e consequências da *Gravitação*, por exemplo, Newton entende que seu poder é universal – está em todos os corpos, nos mesmos lugares e tempos –; portanto, a gravidade seria um poder emanado por Deus. Sobre a questão, conferir: JANIÁK, Andrew. *Newton as Philosopher*. Cambridge: Cambridge Press, 2008. NEWTON, Isaac. *Philosophical Writings*. Cambridge: Cambridge Press, 2004.

<sup>32</sup> “É a pertença de um cálculo universal e de uma busca do elementar a um sistema que é artificial e que, por isso mesmo, pode fazer aparecer a natureza desde seus elementos de origem até a simultaneidade de todas as suas combinações possíveis.” Para Foucault, o sistema de signos dá instrumentalidade ao cálculo e à constituição de quadros, fixando as composições possíveis de ordenar os objetos. FOUCAULT, Michel. *As Palavras e as Coisas*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2016, p. 78-87.

<sup>33</sup> *Idem*, p. 523.

<sup>34</sup> VOLTAIRE, *O filósofo ignorante*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2001, p. 104.

esforço e seu uso prático: “pelo uso da razão somos capazes de alcançar certo conhecimento”, destaca Locke em 1689.<sup>35</sup>

Uma das primeiras publicações de Locke em latim – fora da Inglaterra – ocorre em Leipzig em 1709, mas somente com as futuras edições de 1729, em francês, o filósofo ganha uma estatura continental.<sup>36</sup> Segundo Israel, Newton e Locke gozaram de um vasto triunfo, mas apenas depois de 1730 e em lugares determinados; por exemplo, em Portugal, na Espanha e na França, a adesão ao utilitarismo empírico teve mais força.<sup>37</sup> De qualquer maneira, tal processo só foi possível devido a uma série de traduções – reforçando também que a “mania” por ideias inglesas teve seus limites. Desse modo, a guinada do olhar, a busca por regularidades a partir da experimentação e a exposição de leis da natureza a partir da Matemática completam o mosaico complexo da Ciência Moderna, que, na virada do século XVII para o XVIII, reconfigurou suas bases. De uma maneira geral, segundo Nouvel,

Locke pretende expor a filosofia contida na obra de Newton e desenvolve um empirismo que toma o contrapé do racionalismo cartesiano. Hume medita, cético, sobre os fundamentos da ciência, tomando por certo que ela repousa sobre a indução. Kant, matemático e físico, tenta justificar os fundamentos metafísicos das ciências modernas, mostrando que elas supõem operações intrínsecas da razão.<sup>38</sup>

No âmbito do saber da Medicina – sobretudo intelectual, constituído no interior das universidades e textos médicos –, tal mudança representou dois movimentos tangentes. O primeiro corresponderia aos conceitos, discursos e gestos especulativos ou experimentais, ou seja, à ordem interna do discurso médico. Estaria também inserido “num conhecimento constituído de conceitos, juízos e raciocínios, obedecendo regras lógicas de um conjunto ordenado de proposições, para alcançar, objetivamente, a verdade dos fatos, através da verificação experimental”.<sup>39</sup> No segundo movimento, a

---

<sup>35</sup> Para Locke, a mente segue três passos para alcançar um juízo sobre “certas verdades”: 1) as ideias particulares preenchem a mente, a qual, por sua vez, se familiariza gradativamente com elas, depositando-as na memória e as designando por nomes; 2) ocorre um processo de abstração das ideias particulares – momento característico da faculdade discursiva; 3) a razão começa a tornar-se visível – possibilitando o juízo sobre “certas verdades”. LOCKE, John. *Ensaio acerca do Entendimento Humano*. São Paulo: Nova Cultura, 1999.

<sup>36</sup> ISRAEL, Jonathan I. *Op. Cit.* 2001, p. 523.

<sup>37</sup> *Idem*, p. 526.

<sup>38</sup> NOUVEL, Pascal. *Filosofia das Ciências*. Campinas: Papirus, 2013, p. 54-55.

<sup>39</sup> PORTOCARRERO, Vera. *As Ciências da Vida: De Canguilhem a Foucault*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2009, p. 36.

Cultura das Luzes distanciou-se dos métodos pedagógicos do século XVII e, a partir dos conteúdos explicativos propostos pela reformulação das teorias médicas, aplicou-as no ensino da Medicina.

A reflexão acerca dos significados das palavras “saúde”, “doença”, “corpo” e “natureza” sob o crivo das mudanças epistemológicas destacadas acima possibilitou a emergência de um saber médico ilustrado. Tomemos alguns exemplos. Herman Boerhaave (1668-1738), professor de Ribeiro Sanches em Leiden, a partir da Iatrofísica – aplicação médica da Física – elaborou uma linguagem própria sobre o corpo humano, dividindo-o em uma rede de vasos, tubos e fibras. Georg Ernest Stahl (1660-1734), seguindo a Filosofia Natural de Newton, lançou novos conceitos sobre a regulação fisiológica. Albrecht Von Haller (1708-1777) propôs a Teoria do Sentimento e Irritabilidade, a partir das reflexões de Boerhaave sobre as fibras nervosas e musculares. Stephen Hales, na Inglaterra, publicou, em 1733, seu *Statical Essays*, sobre suas experiências “hemodinâmicas” ou a possibilidade de quantificar a pressão sanguínea. Para Roy Porter e Georges Vigarello,

essas explicações e menções dos textos do século XVIII modificaram insensivelmente a representação clássica do corpo. Em âmbito maior, elas se transformaram em fenômeno de cultura. O estado dos líquidos, sua composição e dinâmica não são os mais visados em primeiro lugar. Um boa condição do corpo não se limita à condição, simplíssima, da pureza das substâncias ou da solidez da carne, como eram evocadas pelos médicos dos séculos XVI e XVII.<sup>40</sup>

O imaginário médico setecentista elaborou um conjunto de enunciados, a partir das teorias mecânicas, físicas e químicas, que deram bases firmes para o seu discurso. Na ordem prática, a Medicina gestava suas condições de existência enquanto um saber verdadeiro; igualmente, ao buscar no domínio da empiricidade dos objetos, acabou por legitimar seus conceitos operatórios. Ao negar o mecanicismo cartesiano, o saber médico ilustrado inaugurava um novo regime discursivo.<sup>41</sup> Parece-nos indissociável compreender que a Medicina ilustrada – elencada na Anatomia e Fisiologia – fabricou alianças entre raciocínio, observação e experimentação para confrontar qualquer tipo de pretensão especulativa. Não estamos afirmando, diga-se de passagem, que um pensamento intelectual médico na época da ilustração seria simplesmente homogêneo;

<sup>40</sup> PORTER, Roy. VIGARELLO, Georges. Corpo, Saúde e Doença. In: VIGARELLO, Georges (org.). *História do Corpo: Da Renascença às Luzes*. Petrópolis: Vozes, 2012, p. 474.

<sup>41</sup> PORTOCARRERO, Vera. *Op. Cit.*, 2001, p. 11-15.

torna-se problemático e anacrônico compreender a Medicina do século XVIII à luz da sua disciplinarização no século XIX. Por outro lado, o que estamos destacando é que o saber médico setecentista, no seu horizonte conjectural, constituiu-se no cerne de uma transposição de saberes. Medicina misturava-se, então, com Filosofia, Teologia, Política, Física, Química e outras áreas do saber. Como sugere Pedro Paulo Pimenta, em seu recente livro,

uma história da filosofia moderna digna desse nome não estaria completa sem um exame minimamente pormenorizado das principais teorias fisiológico-anatômicas, que constituem um verdadeiro prolongamento da Metafísica. Por conta própria, iríamos ainda mais longe: basta ler a contribuição de Diderot ao verbete “Alma”, da *Enciclopédia*, para ver que a Fisiologia e a Anatomia se tornaram, em meados do século XVIII, um precioso auxílio para a solução de certos problemas intratáveis que se colocam no interior da própria Metafísica (a alma, Deus, a liberdade). [...] Se as ciências médicas se articularam a partir da Filosofia, são essas mesmas ciências que terminam por deslindar, com o auxílio da observação e da experimentação, complexas questões que a Metafísica se mostra incapaz de decidir.<sup>42</sup>

Não é de se espantar que, em partes, os manuais de ensino da Medicina em meados do século XVIII instruísem os alunos a explorarem uma variedade de conteúdos. Ribeiro Sanches, ao escrever *Método para Aprender e Estudar a Medicina* toma para si uma posição eclética em relação à instrução médica:<sup>43</sup> não se tratava apenas de resguardar o ensino empírico e prático para os alunos, mas também de moldá-los ao mundo da erudição e da moral (daí a necessidade de o aluno de Medicina estudar Filosofia Moral, Filosofia Racional, Geografia, Política, História e Lógica). Em complemento a isso, segundo Foucault,

o corpo de inspetores, que em toda a superfície do reino deram informações e conselhos para a organização e a utilização desses saberes técnicos, assegurou a função de centralização. [...] Toda a segunda metade do século XVIII viu desenvolver-se todo um trabalho de homogeneização, normalização,

---

<sup>42</sup> PIMENTA, Pedro Paulo. *A Trama da Natureza: Organismo e Finalidade na Época da Ilustração*. São Paulo: Unesp, 2018, p. 31-32.

<sup>43</sup> Eclétismo no sentido de uma “elaboração de um conhecimento sólido baseado na seleção de elementos que cada uma destas doutrinas poderia oferecer. Para os filósofos e letrados da época moderna, o eclétismo, na verdade, era uma postura ideológica”. LIEPKALN, Julie Hamacher. *Saber Médico e Reformismo Ilustrado: Antônio Nunes Ribeiro Sanches e as Políticas de Saúde Pública em Portugal (1750-1792)*. Dissertação de mestrado – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Unicamp, 2017, p. 32.

classificação e centralização, ao mesmo tempo, do saber médico.<sup>44</sup>

Nessa circunstância, focalizando o texto médico enquanto prática discursiva e seguindo Pierre Bourdieu, compreendemos que esse corpo de especialistas (ou “inspetores”, nas palavras de Foucault) que atuam diretamente em um campo de produção – a partir do texto impresso e sobre ele – almejam no poder da palavra uma “creencia en la legitimidade de las palabras y de quien las pronuncia”.<sup>45</sup> Ou seja, o saber médico constrói um conjunto de sentidos que são organizados a partir de um exercício de poder, alimentado pela produtividade tática que se compatibiliza em discursos de verdade.

Como veremos no próximo tópico, Ribeiro Sanches, ao esboçar sua pedagogia médica, balizou Ciência e Política, teoria e prática, leitura e experimento. Visou, a partir de preceitos ilustrados, a aderir a instrução do saber médico ao ideal de educação, buscando, assim, desenhar um perfil ideal de médico – habilidoso, prudente, virtuoso e erudito: o médico recrutado pela Coroa deveria ter um novo perfil social que preencheria os sustentáculos do Estado absolutista.

---

<sup>44</sup> FOUCAULT, Michel. *Em Defesa da Sociedade*: Curso no Collège de France (1975-1976). São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010, p. 152-153.

<sup>45</sup> BOURDIEU, Pierre. *Intelectuales, Política y Poder*. Buenos Aires: Eudeba, 2017, p. 72.

## 2 UM BISTURI RELUZENTE: VIRTUDE E CIÊNCIA EM RIBEIRO SANCHES

Uma investigação de concepções de Medicina, na segunda metade do século XVIII, momento limiar da cultura científica, poderia percorrer diversos caminhos e problemáticas. Em primeiro plano, devemos levar em conta que a construção de um mosaico “epistemológico” do saber médico deve recair sobre conceitos que operacionalizam uma determinada produção de conhecimento científico e pretensões de verdade. Ou, por outro lado, como demonstramos no primeiro tópico, podemos captar as diferentes concepções de Medicina no período da época moderna a partir de um cruzamento analítico e empírico das diversas fontes históricas.

O saber médico inserido na Cultura das Luzes apresentou uma diversidade de definições, trabalhou com inúmeros métodos e desqualificou outros tantos. A Medicina aqui tratada é compreendida como processo histórico, ou seja, “um conhecimento que se tornou científico”, mas que, naquele momento, ainda enfrentava os seus dilemas teóricos, filosóficos e técnicos.<sup>46</sup> Como se sabe, o final século XVIII apresentou condições de emergência para novas questões que, por sua vez, tornaram provisórias certas verdades consolidadas. Portanto, o que deve ser levado em consideração é o “condicionamento cultural e histórico da suposta escolha epistemológica”, que homens de carne e osso aderiram ao discurso médico. Segundo Ludwik Fleck, “a história ensina que pode haver lutas árduas pelas definições de conceitos. [...] Muitas teorias, por exemplo, passam por duas épocas: por uma clássica, na qual tudo mostra uma consistência notável, e depois por uma segunda, na qual surgem exceções.”<sup>47</sup>

Nessa circunstância, o que nos interessa para a presente monografia é investigar os processos geradores do discurso médico que, no seio do Antigo Regime, balizaram forças políticas e legitimaram determinadas escolhas teóricas, práticas e técnicas. Devemos, aqui, movimentar os conceitos de Virtude e Ciência em direção à própria pedagogia médica setecentista, para, assim, compreender o reformismo ilustrado almejado pelo Marquês de Pombal. Em *Método para Aprender e Estudar a Medicina*,

---

<sup>46</sup> MACHADO, Roberto. *Foucault, a Ciência e o Saber*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009. [grifo nosso]

<sup>47</sup> Em seu original trabalho de 1935, Ludwik Fleck argumenta também: “Cada época tem concepções dominantes, restos das concepções passadas e predisposições de concepções futuras, em analogia com todas as formas sociais. Uma das tarefas mais nobres da teoria comparada do conhecimento seria a de investigar como as concepções, ideias pouco claras, circulam de um estilo de pensamento (*Denkstil*) para o outro, como surgem enquanto pré-ideias espontâneas e como se conservam, graças a uma harmonia da ilusão, enquanto formações persistentes e rígidas. Somente por meio dessa comparação e investigação das relações, chegamos a uma compreensão da nossa época”. FLECK, Ludwik. *Gênese e Desenvolvimento de um Fato Científico*. Belo Horizonte: Fabrefactum, 2010, p. 49-50.

vislumbram-se algumas questões centrais. Em tal texto, uma costura discursiva vai progressivamente se rompendo – estava estabelecida a crítica ao ensino escolástico. Mais precisamente, o que Ribeiro Sanches pretende é desenvolver uma premissa sobre como o saber médico ensinado nas universidades poderia consolidar-se enquanto um saber tecnológico e útil. Não se tratava mais de uma Medicina doméstica, familiar ou privada, mas de dar sustentação para aquilo que se consolidaria somente no século XIX: a Medicina pública. Nas observações de Foucault, foi entre o final do século XVIII e início do século XIX que ocorreu

um fenômeno importante de normalização da prática e do saber médico. Procura-se deixar às universidades e, sobretudo, à própria corporação dos médicos o encargo de decidir em que consistirá a formação médica e como serão atribuídos os diplomas. Aparece a ideia de uma normalização do ensino médico e, sobretudo, de um controle. Pelo Estado, dos programas de ensino e da atribuição dos diplomas.<sup>48</sup>

Os imperativos do poder político recaíram sobre a Medicina. Era necessário, como outrora, mas com novos ares, “elevar o nível de saúde do corpo social em seu conjunto”.<sup>49</sup> O domínio intelectual alinhou-se ao processo de racionalização do Estado Moderno. Segundo Norbert Elias, o surgimento do Estado Moderno e seu processo de racionalização se deram no âmbito de uma complexificação das relações sociais. A estrutura social assumiu uma forma específica de entrelaçamento entre os indivíduos – houve uma maior divisão de funções e diferenciação social. Nesse sentido, sucedeu um acoplamento, dentro de uma mesma teia social, de diferentes formas de condutas. Para evitar uma perturbação da ordem social, o Estado procurou mecanismos de uniformização e estabilização das plurais condutas humanas; ou seja, era preciso evitar

---

<sup>48</sup> Para Foucault, o primeiro lugar de surgimento de uma Medicina de Estado ou social ocorreu entre 1750 e 1770 na Alemanha: “com a organização do saber médico estatal, a normalização da profissão médica, a subordinação dos médicos a uma administração central e, finalmente, a integração de vários médicos em uma organização médica estatal, tem-se uma série de fenômenos inteiramente novos que caracterizam o que pode ser chamada a medicina de Estado”. FOUCAULT, Michel. O Nascimento da Medicina Social. In: *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Paz&Terra, 2016, p. 149-150. Para maiores detalhes, ver: QUADROS, Lucas Samuel. *O Governo da Medicina nas Minas: Legislações, Livros e Ofícios (1744-1828)* – Dissertação de Mestrado – Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Ouro Preto. Mariana, 2015.

<sup>49</sup> FOUCAULT, Michel. A Política da Saúde no Século XVIII. In: *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Paz&Terra, 2016, p. 301.

qualquer forma de transgressão, ocorrendo, assim, “uma mudança civilizadora do comportamento”.<sup>50</sup>

Para tal realização, os dispositivos utilizados foram: moderação das emoções espontâneas; controle do sentimento; ampliação mental do momento presente, levando em conta o passado e o futuro; hábito de ligar os fatos em cadeias de causa e efeito.<sup>51</sup> Os programas educacionais e seus planos de ação, no final do século XVIII, salientaram essa dimensão do comportamento; e, como veremos no próximo tópico, a tangência entre Virtude e Ciência, naquele momento, serviu aos propósitos reformistas da Coroa Portuguesa. Como salienta Luiz Francisco Albuquerque de Miranda, era imprescindível que o súdito estivesse “em condições para enfrentar e suportar com firmeza situações felizes e infelizes”, ou seja, que apresentasse autocontrole suficiente para evitar explosões emocionais.<sup>52</sup> Tal tópica perpassa por inúmeros trabalhos de Ribeiro Sanches, mas aqui trataremos apenas de sua obra de 1763, o já mencionado *Método para Aprender e Estudar a Medicina*. Sem mais delongas, adentremos o olhar para seu texto.

## 2.1 O médico virtuoso

Em 1758, com o intuito de esboçar as futuras possibilidades de reforma educacional no reino de Portugal, Sebastião José de Carvalho e Melo, por intermédio de Pedro da Costa de Almeida Salema, encomendou a produção do *Método para Aprender e Estudar a Medicina*, finalizado em 1763. Antônio Nunes Ribeiro Sanches, autor do referido texto, receberia uma pensão no valor de 360\$000 ao finalizar seu plano de reforma dos estudos médicos. Naquela altura, seu nome como médico, intelectual e erudito circulava pela Europa ilustrada – sua figura, no cenário científico, já havia se consolidado. Ribeiro Sanches tinha percorrido as principais universidades da época: Coimbra, Salamanca, Leiden, Montpellier. Foi aluno do famoso médico Herman Boerhaave, estabeleceu contato com o fisiologista Albrecht von Haller, conheceu o também médico português Jacob de Castro Sarmiento, tradutor do *Novum Organum*, de Francis Bacon, e observou a instigante aula de química de David Gaubius.

---

<sup>50</sup> ELIAS, Norbert. *O Processo Civilizador: Formação do Estado e Civilização*. Rio de Janeiro: Zahar, vol. 2, 1993, p. 198.

<sup>51</sup> ELIAS, Norbert. *Op. Cit.*, p. 198-199.

<sup>52</sup> MIRANDA, Luiz Francisco Albuquerque de. *Virtude e Autocontrole em Ribeiro Sanches*. *Almanack*, Guarulhos, n. 21, p. 529-564, abr. 2019, p. 542.



Em 1731, havia sido nomeado médico do Senado e da cidade na Rússia; em 1735, médico do exército; chegando ao ápice em 1740, como médico da Corte de Anna Ivanovna. Entre 1747 e 1783, viveu na França, estabelecendo-se entre “Homem das Letras” e “Homem da Ciência”. Em uma carta de 28 de outubro de 1760, Diderot chegou à conclusão de que o “Doutor Sanchez, sem dúvidas não [era] nem um ignorante nem alguém de mente pequena”<sup>53</sup>, sendo a partir dessa rede de contatos com Diderot e D’Alembert que Ribeiro Sanches deixa seu nome registrado em um verbete (*Vérole*) para a *Encyclopédie*.

Neste rápido rastreamento da trajetória do médico português, compreendemos todo o seu movimento intelectual, suas opções teóricas e epistemológicas, seu engajar cosmopolita e, acima de tudo, a emulação do seu capital simbólico. Não é de se assustar que Ribeiro Sanches, naquele momento do reinado de D. José I, fosse um dos principais indicados para contribuir com o plano pedagógico do ensino da Medicina. E, como se sabe, as mudanças dos Estatutos da Universidade de Coimbra, em 1772, absorveram algumas das suas indicações no referido plano.

Portanto, o que estamos a investigar em *Método para Aprender e Estudar a Medicina* são as relações tecidas pelo discurso de Sanches entre poder e Ciência, teoria e prática, universidade e política. Assim, é indispensável compreender a ideia de instrução do saber médico como realização plena do homem civil e da utilidade que teria o seu conhecimento para a conservação da nação portuguesa. O que estava em jogo, naquele momento, era a possibilidade de, por meio das doutrinas pedagógicas da Medicina, estabelecer canais, que, não pela via punitiva, convergissem para o ordenamento e a saúde públicos – ou seja, uma racionalização do ofício médico em Portugal estava sendo traçada por Pombal. Era agenda política, naquele momento, instruir a Medicina e buscar, por meio da formação acadêmica, o estabelecimento do homem-público virtuoso.<sup>54</sup>

Em outras palavras, seria a criação de “novos homens” aptos a executarem os decretos do soberano. Assim, instruir a Medicina era um meio de mudar hábitos, costumes e comportamentos, um mecanismo que funda uma nova noção de Estado Moderno. Em poucas palavras, instruir era civilizar, lapidar o homem-cidadão, inserindo-o em um conjunto de enunciados resultantes da própria dinâmica social

---

<sup>53</sup> JUNIOR, Nelson de Campos Ramos. *Mediação das Luzes: Concepções de Progresso e Ciência em Antônio Nunes Ribeiro Sanches (1699 – 1783)*. Dissertação de Mestrado, São Paulo, 2013, p. 68.

<sup>54</sup> SILVA, Ana Rosa Clochet da. A Formação do Homem-Público no Portugal Setecentista: 1750-1777. *Revista Intellectus*, ano 02, v. 2, 2003.

portuguesa. A pedagogia médica reveste tais “dispositivos políticos” e sustenta as intervenções do poder centralizador almejado pelo reinado de D. José I. E é na economia das ciências úteis que a Medicina estabelecia seu lugar de privilégio, sobretudo pela possibilidade de orientação prática da vida social e sua força empírica, filosófica e teórica nos círculos intelectuais da época.

Na obra de 1763, em termos discursivos, compreendemos algo característico da Medicina setecentista: uma bricolagem ou transposições dos saberes. Ao assumir uma posição eclética em relação ao ensino da Medicina, Ribeiro Sanches objetivava modular os códigos de comportamento dos médicos. Dessa maneira, o médico ideal, segundo o autor, teria que responder intelectualmente e emocionalmente às diversas situações que pautem o seu ofício diário.<sup>55</sup> Segundo Norbert Elias, esse processo de racionalização dos comportamentos esteve no cerne da instrução pública e do projeto civilizador. Representou um momento em que as interligações sociais e a dependência mútua dos indivíduos se tornaram complexas – eram precisos, portanto, planos de ação para tornar “estáveis” as condutas sociais. Nesse sentido, o exercício da Medicina, na condição de função social desempenhada em uma plural rede de atendimentos, deveria acompanhar “determinadas coerções no sentido do autocontrole das emoções”.<sup>56</sup>

Em conformidade com isso, para aprender Medicina, seriam imprescindíveis algumas qualidades. Antes de tudo, Sanches indica que o estudante que desejasse entrar no curso deveria se mostrar instruído em “línguas doutas, na Geografia, na História, na Filosofia Racional, e Moral; e que entrará a ouvir os Lentes de Medicina, com estes princípios, base do que lhe ensinarem”.<sup>57</sup> Para Sanches, o importante do ensino médico estava na chamada “Escola da Virtude” – daí sua proposta em substituir o Colégio de Artes pelo de Filosofia, algo que vai ocorrer somente no final do século XVIII. Como ressalta, “um colégio de Filosofia, tal que seja o Seminário do entendimento ilustrado, e do coração virtuoso, [são] qualidades tão necessárias no Médico”.<sup>58</sup>

Para a Filosofia, o recorte de Ribeiro Sanches se dá em duas áreas: a racional e a moral. Na Filosofia Racional, o futuro médico “necessita saber as propriedades da alma racional, e suas operações” para instruir-se nas “coisas mentais” e, por meio da

---

<sup>55</sup> Ver: MIRANDA, Luiz Francisco Albuquerque de. *Virtude e Autocontrole em Ribeiro Sanches*. *Almanack*, Guarulhos, n. 21, p. 529-564, abr. 2019.

<sup>56</sup> ELIAS, Norbert. *A Sociedade de Corte*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001, p. 109.

<sup>57</sup> SANCHES, António Nunes Ribeiro. *Método para Aprender e Estudar a Medicina*. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2003, p. 2.

<sup>58</sup> *Idem*, p. 2.

observação, avaliar as distinções entre certo e errado, verdade e mentira, ilustração e ignorância. Conforme Sanches,

do que vemos, que para evitar o erro, e a ignorância, que para julgar com verdade e acerto, se requer absolutamente que o homem julgue por si, e intimamente, depois de estar instruído, & ter limpadado do ânimo aquelas noções falsas ou viciosas que contraímos na educação, nas companhias, e nas leituras que amamos, ou que estimamos.<sup>59</sup>

Já para a Filosofia Moral, o médico português advoga que tal conhecimento é necessário para a “conservação de cada indivíduo, de que se compõem a Sociedade Civil”, ou seja, em um sentido coletivo, a Filosofia Moral auxilia nas relações estabelecidas entre os indivíduos e é indispensável para a construção da ideia de *ajuda* em prol da sociedade civil, essa “*necessidade* indispensável que temos de socorro alheio”, ressalta Sanches.<sup>60</sup> Portanto,

um Médico [...], sem esta sorte de Filosofia, sem este vínculo da Sociedade Civil, e sem a ciência da sua conservação, seriam tantos Jornaleiros daquelas ciências que exercitam, e incapazes de merecerem as honras que lhes são devidas.<sup>61</sup>

O médico recrutado pela Coroa deveria ter um novo perfil social que preencheria os sustentáculos do Estado absolutista. Seu ofício estava diretamente ligado à sua utilidade social de atendimento, cura de doenças, educação e higiene dos ambientes. Dessa forma, as práticas da Virtude eram uma demanda das necessidades públicas, da felicidade coletiva e da perfectibilidade da nação. Tal pedagogismo, almejado pela ação governativa de Pombal, consolidou-se nas formas do *saber* e do *fazer*, ditando os hábitos de socialização das elites. Ribeiro Sanches projeta para o seu país natal uma Medicina alinhada aos preceitos políticos, sendo ela “uma arte tão indispensável, e tão útil para o bem e conservação da vida, e da saúde” dos súditos do reino.<sup>62</sup> Esse fomento pragmático da Coroa em relação ao conhecimento científico orientou uma lógica de educação política, à qual Sanches não se opunha; muito pelo contrário, pois, para ele, o médico tinha a responsabilidade de conhecer a vida civil, o bem comum, a dinâmica do cotidiano e deveria acostumar-se com o trabalho coletivo. Nessa lógica, a constituição

<sup>59</sup> *Ibidem*, p. 9.

<sup>60</sup> *Ibidem*, p. 10. (Grifo do autor)

<sup>61</sup> *Ibidem*, p. 11.

<sup>62</sup> *Ibidem*, p. 15.

de um Hospital era importantíssima para o constante exercício da Virtude em benefício do coletivo. Sua proposta era que

os Estudantes destinados a esta ciência comecem a frequentar o Hospital, uma ou duas vezes por dia, pelo menos, desde o primeiro dia que entrarem a aprender a Medicina. [...] Todo o Estudante a ser Médico deve começar a ver e tratar os enfermos no Hospital, desde o primeiro dia que começar a aprender esta ciência.<sup>63</sup>

O ambiente do Hospital exigiria do estudante de Medicina uma aptidão de resposta e um autocontrole das emoções. Tais qualidades eram oriundas da própria prática da Virtude; igualmente, tal aperfeiçoamento da função social do médico tangenciava uma concepção do governo de si, ou melhor, do trabalhar na utilidade de si visando ao bem coletivo da monarquia. Nesse sentido, o estudo da Medicina, segundo Sanches, seria prática que requer conduzir e manipular o domínio das habilidades técnicas e morais, que só seriam dadas por meio da experiência e das circunstâncias enfrentadas pelo estudante.

À guisa de conclusão, o que procuramos percorrer, até aqui, foram alguns aspectos que constituem o problema da Virtude, do Autocontrole e da Moral no ofício da Medicina no século XVIII a partir da obra de Antônio Nunes Ribeiro Sanches, autor que, de forma mediadora, esteve no limiar entre a Ciência e Política na época das Luzes. Em aspecto minucioso, usou da *escrita* para reafirmar o papel da crítica aos tradicionais modelos de ensino – sobretudo, a escolástica. Em suma, seu plano de estudos de 1763 almejava, acima de tudo, instruir o saber médico a percorrer os caminhos certos para o aprimoramento moral do seu exercício cotidiano.

## 2.2 O médico empírico

Ao ingressar na universidade, o estudante de Medicina deveria ter “muita aplicação, lendo e escrevendo, e um continuado exercício naquilo em que se ocupou”, recomenda Sanches no início do seu trabalho.<sup>64</sup> O médico intelectual não poderia ser

---

<sup>63</sup> *Ibidem*, p. 15-17.

<sup>64</sup> Para Ribeiro Sanches, antes de ingressar nos Estudos Secundários, o estudante já deveria ter desenvolvido algumas habilidades: vocação com o estudo, entendimento médio de latim, alguma noção de Matemática e compreensão de textos clássicos latinos. Em suas palavras, “supomos que todos os estudantes que entrarem na Universidade estarão instruídos nas Línguas douras, e nas Humanidades”. Ele

preguiçoso, pois, “ainda com boa percepção, memória tenaz, e facilidade do discurso, se requer muita aplicação”. As qualidades necessárias para aprender Medicina exigiriam do estudante, segundo Sanches, juízo crítico, eloquência, compreensão de variados métodos, algum patrimônio para poder viajar para outros países, fluência em latim, reflexão e meditação matemática para “deter a volubilidade dos pensamentos sem ordem e sem conexão”, entendimento sobre os estudos das Humanidades e compreensão da “verdadeira física”.<sup>65</sup>

O rigorismo no plano de estudos de Ribeiro Sanches é justificável se olharmos para o próprio contexto lusitano. Dentre as políticas pombalinas, uma das que se destacaram foi a expulsão dos jesuítas em 1759. A partir daquele momento, toda uma concepção de conhecimento enquanto ordem dogmática entrou em ruínas. Era preciso, portanto, fundar uma nova geração de pesquisas, ensino e tradição intelectual. Não estamos afirmando que Ribeiro Sanches procurou anular as contribuições de vários outros autores contemporâneos ou clássicos, muito pelo contrário, parte do seu plano de estudo de 1763 se funda na autoridade de inúmeros livros citados. O que estamos afirmando é que, frente ao quadro de declínio do pensamento religioso, era necessário criar canais de compartilhamento do conhecimento científico. E foi nesse sentido que um projeto de Medicina passava pelo horizonte das reformas pombalinas. Para Carlota Boto,

além do intento manifesto de governar e vigiar o ofício médico, Ribeiro Sanches demonstra claramente seu intuito de que o governo venha planejar aspectos da economia familiar e social, especialmente a distribuição dos súditos na ocupação do território nacional. Tal intervenção do Estado estará, ainda, comprometida com a atividade de investigação e com a procura por constante aperfeiçoamento teórico no âmbito da prevenção de doenças, da cura e da cirurgia.<sup>66</sup>

---

complementa dizendo que tais estudos são “conhecimentos úteis e necessários por toda a vida, em qualquer situação ou estado em que se acharem na vida civil”. *Ibidem*, p. 4-7.

<sup>65</sup> Sobre a fluência em latim, Sanches advoga que as aulas dos Lentes deviam ser na “Língua Latina [...] na intenção que os Estrangeiros que vierem aprender, entendam a sua doutrina”. Como se sabe, o médico Beirão assistiu às aulas de Herman Boerhaave na Universidade de Leiden em latim, aprovando tal uso. E, como vimos no primeiro tópico da presente monografia, a tópica do “bom uso das línguas latinas e vernáculas” era sinônimo de um ideal de educação, como lembra Moses Mendelssohn, ao definir o que é Esclarecimento. *Ibidem*, p. 16.

<sup>66</sup> BOTO, Carlota. *Instrução Pública e Projeto Civilizador: O Século XVIII como Intérprete da Ciência, da Infância e da Escola*. São Paulo: Unesp, 2017, p. 85.

O refinamento teórico proposto por Sanches é de orientação prática e de reconfiguração do *corpus* doutrinal.<sup>67</sup> Seguindo uma tendência já estabelecida, no início do século XVIII, seu *Método* propõe uma adesão da Medicina à Física Experimental – a chamada Iatrofísica, defendida por Boerhaave. Para o médico Beirão,

o objeto da Física Experimental é indagar as propriedades de cada corpo pela simples observação, ou pelos socorros que nos dão a Química, e as Matemáticas. Necessita o Médico aprender com especialidade esta doutrina, antes que comece a aprender o que é o corpo humano: a *Impenetrabilidade*, a *Extensão*, a *Inação*, o *Repouso* ou *Inércia*, são atributos gerais de cada corpo.<sup>68</sup>

Nesta circunstância, em termos pedagógicos, a simbiose entre prática e doutrina, cirurgia e Medicina ganhava seus primeiros traços de legitimação. Devido a isso, Ribeiro Sanches propôs que o professor das matérias de Anatomia, de Cirurgia Prática e de Hospital fosse o mesmo que ministraria os aforismos de Herman Boerhaave, pois “não convém ao estudo desta ciência, que a pátria seja exercitada por um Lente no Hospital, e a sua doutrina Científica por outro na cadeira: todos compreenderão facilmente que deve ser a mesma pessoa”, intercede Sanches.<sup>69</sup> A prática dos cirurgiões é amplamente criticada em seus trabalhos; de maneira enfática, o médico português afirma: “vemos que o Cirurgião necessita saber a Medicina; e vemos também que nem a estudou, nem é obrigado estudá-la. Não insisto agora mais na necessidade que tem o Estado que todos os Médicos sejam Cirurgiões, e que todos estes sejam Médicos”.<sup>70</sup>

Essa nova dimensão técnica que pairava no saber médico significou quatro processos, os quais estão interligados. Primeiro, a desqualificação de saberes “menores” e “inutilizáveis”; segundo, a normalização para ajustar e comunicar os saberes “científicos”; terceiro, uma classificação hierárquica para encaixá-los uns aos outros; quarto, uma centralização piramidal como forma de controle dos saberes.<sup>71</sup> Essa dinâmica na ordem interna do saber médico contou com o empreendimento

<sup>67</sup> Em uma passagem, Sanches destaca que “Sempre a Medicina seguiu os passos da Filosofia, e da Física; sempre esta seguiu a felicidade dos Impérios e das Repúblicas”. SANCHES, Antônio Nunes Ribeiro. 2003, p. 14.

<sup>68</sup> SANCHES, Antônio Nunes Ribeiro. *Método para Aprender e Estudar a Medicina*. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2003, p. 12.

<sup>69</sup> “Do mesmo modo, o Lente de Anatomia devia ser aquele que na cadeira ensinasse a doutrina Cirurgia, e das operações: e no Hospital devia operar, abrindo abscessos, cortando e abrindo o que ordenasse esta Ciência: erradamente se dá esta incumbência aos Cirurgiões.” *Idem*, p. 16.

<sup>70</sup> *Ibidem*, p. 20.

<sup>71</sup> FOUCAULT, Michel. *Op. Cit.* 2010, p. 152-153.

institucional, prático e epistemológico – em outras palavras, estas quatro operações impuseram regularidades no discurso médico. Portanto, tornou-se mais rigoroso o controle dos enunciados devido às intervenções do Estado Português. Temos aqui Ribeiro Sanches como um “corpo de inspetor”, utilizado pelas autoridades para uma proposta de “seleção dos saberes” para o curso de Medicina.

Para aquele momento, era indispensável a adesão da Anatomia ao ensino médico, não em si mesma, mas distribuída em um campo interconectado com outros saberes. Segundo Ribeiro Sanches, “os que aprenderam Anatomia com bons Mestres, [...] sabem que no mesmo tempo que se ensina esta Ciência se ensina a Fisiologia e a Patologia, que vem a ser a Filosofia do corpo humano são e enfermo”.<sup>72</sup> Segundo Boto,

na dimensão do ensino, não haveria razão de ser um aprendizado exclusivamente teórico na matéria médica. O contato com a prática, com o cuidar dos doentes, seria elemento imprescindível para construir os significados do ofício. Era preciso, para o ensino da medicina e para a institucionalização pública de sua prática, construir mecanismos coletivos de prevenção de doença [...].<sup>73</sup>

Nesse sentido, o curso de Medicina na Universidade teria por função uma formação dupla: uma profissional e outra intelectual. Sobre o caráter prático e profissional, Ribeiro Sanches investiga a necessidade do estudo da Anatomia vinculada ao da Física Experimental. Seu ensino estava muito mais ligado ao uso dos olhos e das mãos do que necessariamente ao estudo. Para o médico português,

no ensino da Botânica, Matéria Médica, e da Química, pode haver um meio, e chegar um Médico a ser douto e capaz sem ser perfeito nestas partes da medicina: mas o estudo da Anatomia não há meio. Ignorar a *estrutura*, a *figura* e a *conexão* de qualquer parte do corpo humano, a mais comptentivel, no modo ordinário de pensar, é defeito, e mesmo crime num Médico.<sup>74</sup>

Para a formação intelectual, teórica e doutrinal, Ribeiro Sanches advoga a favor das lições de Herman Boerhaave. De fato, vemos que, em sua obra de 1763, diversas referências ao seu professor de Leiden são elogios; de maneira enfática, Boerhaave era uma mistura completa entre Ciência e Virtude. Seus *Aforismas* conseguiram, no início

<sup>72</sup> *Ibidem*, p. 37.

<sup>73</sup> BOTO, Carlota. *Instrução pública e projeto civilizador: O século XVIII como intérprete da Ciência, da Infância e da Escola*. São Paulo: Unesp, 2017 p. 92.

<sup>74</sup> SANCHES, Antônio Nunes Ribeiro. *Ibidem*, p. 21. [grifo do autor]

do século XVIII, dar coesão às doutrinas médicas. Naquela época, “estava então a Arte Médica em toda a Europa na maior confusão: porque cada médico seguia umas vezes a doutrina dos Galenicos, outras dos Árabes, dos Químicos e dos Mecânicos”.<sup>75</sup> De qualquer maneira, temos que levar em conta o apreço de Sanches por Boerhaave, pois parte do seu *Método* é influenciado pelas suas experiências na Universidade de Leiden, momento em que foi seu discípulo. Nesse sentido, a Doutrina das Fibras, a Iatrofísica e a Iatroquímica reúnem as necessidades que todo médico deve ter. Nas palavras de Sanches,

quem compreender esta parte da Medicina fica instruído para Ser Médico: que é o mesmo que ficar instruído para curar os males internos, depois que aprender a conhecê-los pela Ciência dos sinais e pela doutrina ulterior que devem saber os que professam a Medicina.<sup>76</sup>

Nesse cimentar do saber médico entre doutrina e prática, Ribeiro Sanches estava trilhando um novo caminho – realiza um deslocamento metodológico, critica seus contemporâneos e coloca em gestação a futura Medicina Pública. O que vemos em *Método para Aprender e Estudar a Medicina* é uma pequena parte da dinâmica da Ciência Médica em Portugal. Foi seu intuito traduzir distintas concepções de teoria médica em um só movimento que possibilitou um “feixe de luz” à Medicina setecentista. Na união entre leituras fisiológicas, as quais ele obteve nas suas diferentes experiências em outras Universidades, e leitura humoral (Hipócrates e Galeno), Sanches fundamenta seu método de prática e ensino médico no final do século XVIII. Nessa circunstância, aproximou-se da Coroa Portuguesa com o intuito de estabelecer a reforma da Faculdade de Medicina na Universidade de Coimbra em 1772. “Satisfiz quanto me foi possível à clementíssima ordem de sua Majestade que Deus guarde, escrevendo o que até agora alcancei do melhor método de ensinar e aprender Medicina”.<sup>77</sup> E conclui, em 26 de março de 1761,

Todo o meu desvelo no que acabo de escrever foi buscar e indagar as sementes mais puras e mais vigorosas da Medicina para se transplantarem em Portugal: se o terreno estiver disposto e preparado, e que o Legislador conservador desta Universidade souber como os Jardineiros preparar a terra,

---

<sup>75</sup> *Ibidem*, p. 26.

<sup>76</sup> *Ibidem*, p. 32.

<sup>77</sup> *Ibidem*, p. 38.



arrancando os troncos podres, e as plantas venenosas que impediram a vegetação das ciências, estou firmemente persuadido, que darão flores e frutos, que recrearão e sustentarão um Reino a quem tanto amo, como devo.<sup>78</sup>

---

<sup>78</sup> *Ibidem*, p. 38.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em um panorama geral, a pesquisa histórica das Ciências, na roda das suas transformações, ultrapassou diversas pretensões e se propôs a superar antigas dicotomias. O alargamento epistemológico deu um passo reflexivo sobre o que se entendia por “Ciência” e o modo como ela não estava afastada de todos os espaços da sociedade. Pelo contrário, uma nova história da Ciência, interligada com a Sociologia do conhecimento, compreendeu essa “grande narrativa” – ou seja, o ideal de progresso, de objetividade, de verdade científica ou de bem-estar social – sob a luz de um deslocamento metodológico. O fazer Ciência tornou-se uma prática, uma condição do saber que transitava nas múltiplas relações sociais e institucionais. Tornou-se prática humana, carregada de desejos, de caos e erros. Na historicidade da própria sociologia do conhecimento, era impossível refinar os estudos da prática científica sem pensar nas suas condições históricas e nas formações de categorias; a proposta foi compreender os processos de construção da linguagem científica no interior de comunidades e grupos. Nessa lógica, a Ciência pertence a lugares, é contextual, e o “cientista” é um homem do seu tempo que realiza práticas corporificadas (uso das mãos, do ouvido, do olhar etc.).<sup>79</sup>

Este texto abordou, em dois tópicos, o movimento de ideias culturais e científicas que nos permite falar em uma Medicina ilustrada e em concepções de Virtude e Ciência na obra de Antônio Nunes Ribeiro Sanches. Todavia, os esforços aqui obtidos são apenas um fragmento do que foi a Medicina em Portugal no século XVIII. Novos estudos historiográficos têm investigado outros níveis dos problemas aqui traçados. Ainda necessitamos de investigações comparativas das doutrinas médicas com a reforma da Universidade de Coimbra, em 1772, bem como métodos ainda precisam ser interpretados, documentos precisam ser catalogados e instrumentos precisam serem descritos.

De qualquer maneira, nossa investigação buscou compreender alguns dos esforços da Coroa Portuguesa em aderir à cultura ilustrada. Para tal objetivo, utilizamos alguns conceitos metodológicos necessários para todo e qualquer estudo da História da

---

<sup>79</sup> Para um estudo mais aprofundado sobre a emergência da História da Ciência e a desmistificação de categorias que se pretendem autoevidentes, ver: SHAPIN, Steven. *Nunca Pura: Estudos Históricos de Ciência como se Fora Produzida por Pessoas com Corpos, Situadas no Tempo, no Espaço, na Cultura e na Sociedade e que se Empenham por Credibilidade e Autoridade*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2013. BURKE, Peter. *Uma História Social do Conhecimento: de Gutenberg a Diderot*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2003. PORTOCARRERO, Vera (org.) *Filosofia, História e Sociologia das Ciências I: Abordagens Contemporâneas*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1994.

Ciência e da Epistemologia. Seu uso possibilitou ao presente trabalho uma maior abertura analítica da fonte primária, sem cairmos em seu uso acrítico. A partir disso, percorremos um pequeno fragmento de “estilos de pensamentos” científicos na Europa setecentista; outrossim, constatamos que a Medicina do século XVIII esteve no seio da cultura letrada e que, nesse ambiente, travou lutas e planejou seu sistema de dominação.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Ana Cristina. Cultivar a Razão, Educar e Civilizar os Povos: A Filosofia das Luzes no Mundo Português. *Revista de História Regional*, v. 19(2): 2014.

BOTO, Carlota. *Instrução Pública e Projeto Civilizador: O século XVIII como Intérprete da Ciência, da Infância e da Escola*. São Paulo: Unesp, 2017.

BOURDIEU, Pierre. *Intelectuales, Política y Poder*. Buenos Aires: Editora Eudeba, 2017.

BURKE, Peter. *Uma História Social do Conhecimento: De Gutenberg a Diderot*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2003.

CASSIRER, Ernst. *A Filosofia do Iluminismo*. Campinas: Unicamp, 1992.

CARVALHO, Flavio Rey. *Um iluminismo Português? A Reforma da Universidade de Coimbra (1772)*. Dissertação de Mestrado – Área Cultural do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília. Brasília, 2007.

CHAUNU, Pierre. *A Civilização da Europa das Luzes (Vol. I)*. Lisboa: Editora Estampa, 1985.

DARNTON, Robert. *O iluminismo como Negócio: História da Publicação da Enciclopédia 1775-1800*. São Paulo: Cia das Letras, 1996.

ELIAS, Norbert. *A Sociedade de Corte*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

\_\_\_\_\_. *O Processo Civilizador: (Vol.2) Formação do Estado e Civilização*. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

FLECK, Ludwik. *Gênese e Desenvolvimento de um Fato Científico*. Belo Horizonte: Fabrefactum, 2010.

FOUCAULT, Michel. *Em Defesa da Sociedade: Curso no Collège de France (1975-1976)*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

\_\_\_\_\_. *As Palavras e as Coisas*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2016.

\_\_\_\_\_. O Nascimento da Medicina Social. In: *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Paz&Terra, 2016.

\_\_\_\_\_. *O Nascimento da Clínica*. Rio de Janeiro: Forense, 2015.

\_\_\_\_\_. Política da Saúde no Século XVIII. In: *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Paz&Terra, 2016.

GAY, Peter. *The enlightenment: an Interpretation*. Nova York: W.W. Norton, v.1,1966.

HAZARD, Paul. *A Crise da Consciência Europeia*. Lisboa: Cosmos, 1948.

ISRAEL, Jonathan I. *Radical Enlightenment: Philosophy and the Making of Modernity (1650-1750)*. New York: Oxford Press, 2001.

JANIAK, Andrew. *Newton as Philosopher*. Cambridge: Cambridge Press, 2008.

JUNIOR, Nelson de Campos Ramos. *Mediador das Luzes: Concepções de Progresso e Ciência em Antônio Nunes Ribeiro Sanches (1699 – 1783)*. Dissertação de Mestrado, São Paulo, 2013.

KANT, Immanuel. *Resposta à pergunta: O que é Esclarecimento?* Rio de Janeiro: Viaverita, 2011.

KOSELLECK, Reinhart. *Crítica e Crise: Uma Contribuição à Patogênese do Mundo Burguês*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2009.

LEMO, Maximiano. *Ribeiro Sanches: a sua Vida e a sua Obra*. Porto: Eduardo Tavares Martins, 1911.

LIEPKALN, Julie Hamacher. *Saber Médico e Reformismo Ilustrado: Antônio Nunes Ribeiro Sanches e as Políticas de Saúde Pública em Portugal (1750-1792)*. Dissertação de mestrado – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Unicamp, 2017.

LOCKE, John. *Ensaio acerca do Entendimento Humano*. São Paulo: Nova Cultura, 1999.

MACHADO, Roberto. *Foucault, a Ciência e o Saber*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

MENDELSSOHN, Moses. On the Question: What Is Enlightenment? In: SCHMIDT, James (Ed.). *What is Enlightenment? Eighteenth-Century Answers and Twentieth-Century Questions*. California: University of California Press, 1996.

MIRANDA, Luiz Francisco Albuquerque de. *Virtude e Autocontrole em Ribeiro Sanches*. *Almanack*, Guarulhos, n. 21, p. 529-564, abr. 2019.

NEWTON, Isaac. *Philosophical Writings*. Cambridge: Cambridge Press, 2004.

NOUVEL, Pascal. *Filosofia das Ciências*. Campinas: Papirus, 2013.

PEREIRA, Miguel Baptista. Iluminismo e Secularização. *Revista de História das Ideias*, v. 4, Tomo II, 1982.

PIMENTA, Pedro Paulo. *A Trama da Natureza: Organismo e Finalidade na Época da Ilustração*. São Paulo: Unesp, 2018.

PORTER, Roy; VIGARELLO, Georges. Corpo, Saúde e Doença. In: VIGARELLO, Georges (org.). *História do Corpo: Da Renascença às Luzes*. Petrópolis: Vozes, 2012.

PORTOCARRERO, Vera. *As Ciências da Vida: De Canguilhem a Foucault*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2009.

PORTOCARRERO, Vera (org.) *Filosofia, História e Sociologia das Ciências I: abordagens contemporâneas*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1994.

QUADROS, Lucas Samuel. *O Governo da Medicina nas Minas: Legislações, Livros e Ofícios (1744-1828)*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Ouro Preto. Mariana, 2015.

SANCHES, António Nunes Ribeiro. *Método para Aprender e Estudar a Medicina*. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2003.

SHAPIN, Steven. *Nunca Pura: Estudos históricos de Ciência como se fora produzida por pessoas com Corpos, situadas no Tempo, no Espaço, na Cultura e na Sociedade e que se empenham por Credibilidade e Autoridade*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2013.

SCHAMA, Simon. *Cidadãos: uma crônica da Revolução Francesa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

SCHMIDT, James (Ed.). *What is Enlightenment? Eighteenth-Century Answers and Twentieth-Century Questions*. Califórnia: Ed. University of California Press, 1996.

SILVA, Ana Rosa Clochet da. *A Formação do Homem-Público no Portugal Setecentista: 1750-1777*. *Revista Intellectus*, ano 02, v. 2, 2003.

VOLTAIRE, *O Filósofo Ignorante*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2001.

WIELAND, Christoph Martin. A Couple of Gold Nuggets, from the... Wastepaper, or Six Answers to Six Questions. In: SCHMIDT, James (Ed.). *What is Enlightenment? Eighteenth-Century Answers and Twentieth-Century Questions*. Califórnia: University of California Press, 1996.